

PADRÕES GRÁFICOS DAS REPRESENTAÇÕES ANTROPOMÓRFICAS PRÉ-HISTÓRICAS NA MICRORREGIÃO DO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO: DEFINIÇÕES E CORRELAÇÕES

Demétrio da Silva Mutzenberg¹

Francisco de Assis Soares de Matos²

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo estabelecer padrões de apresentação gráfica nas pinturas rupestres antropomórficas de cinco sítios arqueológicos na Microrregião do Cariri Ocidental paraibano. Os sítios estão inseridos na microbacia do Rio Paraíba, principal corpo d'água da região. A caracterização dos padrões gráficos foi possível mediante a classificação das representações com base nas três dimensões caracterizadoras do fenômeno gráfico: temática, cenografia e técnica. Para essa caracterização, foram utilizados o processamento digital de imagens e a aplicação de testes estatísticos, além da criação de um SIG (Sistema de Informações Geográficas), tencionando relacionar as variáveis do fenômeno gráfico às variáveis ambientais. Através da análise de 48 representações rupestres antropomórficas, foi possível estabelecer diferentes padrões de apresentação gráfica. Alguns desses padrões apresentam características próximas a alguns já determinados para a região Nordeste. As representações rupestres antropomórficas encontram-se majoritariamente localizadas

67

¹ Departamento de Arqueologia, UFPE.

² Discente, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, UFPE.

em áreas ressaltadas topograficamente em relação ao entorno e próximas a redes de drenagem.

Palavras-chave: Representações antropomórficas; pinturas rupestres; padrão gráfico; Cariri Ocidental Paraibano

ABSTRACT

This research aimed to establish graphical patterns in anthropomorphic rock paintings of five archaeological sites in the micro-region of Cariri Ocidental Paraibano, Paraíba, Brazil. The sites are inserted into the watershed of the Paraíba River, the main water body of the region. The definition of the graphical patterns was possible through a classification of the anthropomorphic representations based on three dimensions of the graphical phenomenon: theme, technique and scenography. For this characterization was used digital image processing, application of statistical tests and the creation of a GIS (Geographic Information System), intending to relate the graphical phenomenon with the environmental variables. Some of the defined patterns showed similar characteristics to some patterns already determined in Northeastern Brazil. The anthropomorphic representations are mostly located nearby the drainage networks and in higher ground than the surrounding areas.

68

Keywords: Anthropomorphic representations; rock paintings; graphical pattern; Cariri Ocidental Paraibano.

INTRODUÇÃO

O estado da Paraíba apresenta um amplo acervo de vestígios arqueológicos que atestam a ocupação de seu território desde tempos pré-históricos. Esse acervo encontra-se

representado por uma grande diversidade de sítios, a maior parte com presença de pinturas rupestres. Em contrapartida, esses contextos arqueológicos têm ainda sido pouco estudados, só havendo algumas pesquisas ao longo do tempo. Exemplos são os trabalhos desenvolvidos por Almeida (1979), Martin (2003) e Azevedo Netto *et al.* (2007, 2011).

Os sítios arqueológicos evidenciados no Cariri Ocidental encontram-se, em sua maioria, próximos a fontes de água atualmente intermitentes, tais como caldeirões, olhos d'água ou pequenos riachos. Essa peculiaridade já foi observada por Martin (2008), ao evidenciar alguns sítios característicos da Tradição Agreste entre o sul do estado da Paraíba e o nordeste de Pernambuco, onde essas poucas fontes hídricas se apresentariam como fatores preponderantes para a instalação e permanência desses grupos na região. No entanto, os dados sobre o processo de ocupação pré-histórico desse espaço são escassos, principalmente em termos cronológicos. Até o momento, não existe nenhuma cronologia para a área, apesar da grande concentração de vestígios passíveis de datação. Objetivando a caracterização das pinturas rupestres no Cariri Ocidental paraibano e, conseqüentemente, dos processos ocupacionais na sua Pré-História, foram analisados cinco sítios com presença de pinturas rupestres (Tabela 1, Imagem 1). Na área analisada, foram cadastrados 10 sítios com presença de pinturas rupestres. Apenas cinco apresentam representações antropomórficas. Em uma análise extensiva das pinturas, foram segregadas 84 unidades gráficas. No entanto, para fins desta pesquisa, foram utilizadas apenas as figuras não ambíguas, completas e que apresentavam pouco desgaste, reduzindo o objeto de estudo para 48 figuras antropomórficas. Essas figuras foram analisadas sobre a ótica da variabilidade artefactual, especificamente sobre a dimensão formal e espacial (SCHIFFER e SKIBO, 1977). No que diz respeito à

variabilidade formal, buscou-se a sua caracterização mediante a classificação das representações dentro de padrões gráficos. Para ta, foi utilizada a ferramenta metodológica perfil gráfico, possibilitando a demarcação dos padrões gráficos para a área de pesquisa. Na dimensão espacial, buscou-se observar as relações dos padrões observados com as particularidades ambientais da área, bem como a sua comparação com padrões gráficos já definidos para o Nordeste do Brasil.

Sítio	Litologia	Altitude (m)	Visibilidade	Quantidade de antropomorfos
Roça Nova	Gnaisse	517	Alta	17 (16)
Cacimba das Bestas II	Granito	588	Média	1 (1)
Cacimba das Bestas IV	Granito	591	Alta	63 (28)
Pedra da Pintada I	Granito	595	Alta	1 (1)
Pedra da Pintada II	Granito	601	Média	2 (2)

Tabela 1: Relação dos sítios e suas particularidades ambientais. Em quantidade de antropomorfos, está representado o total de antropomorfos e, entre parênteses, os selecionados para a pesquisa baseado no estado de conservação das figuras.

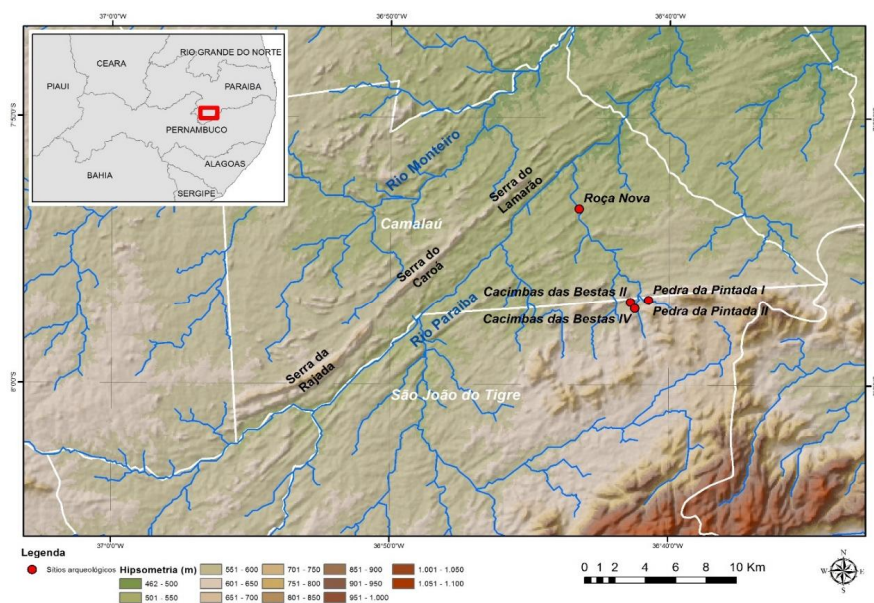


Imagem 1: Localização dos sítios na rede de drenagem do Rio Paraíba.

Os sítios analisados estão localizados no Planalto da Borborema, entre 470 e 920m de altitude, em um clima semiárido. As superfícies do entorno são marcadas por rasos a inexistentes mantos de intemperismo, recobertas pela caatinga arbustiva, vegetação típica do semiárido nordestino. Os litotipos são majoritariamente granitóides e rochas metavulcânicas de idade pré-cambriana.

Os sítios Cacimba das Bestas IV e Roça Nova se apresentam destacados no conjunto analisado. O primeiro, pelo fato de ser o único constituído por um abrigo com área ampla, formado pela disposição de um bloco granítico apoiado sobre um afloramento de mesmo material e por concentrar o maior número de figuras antropomórficas (28) (Imagem 2). Já o segundo, encontra-se constituído por um afloramento gnáissico, com amplas dimensões, apresentando 16 figuras antropomórficas (Imagem 3).

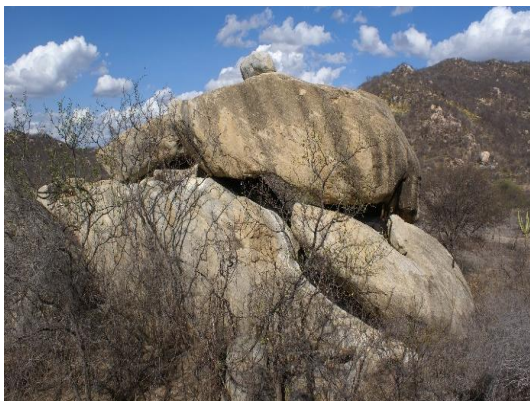


Imagem 2: Sítio Cacimba das Bestas IV.



Imagem 3: Sítio Roça Nova.

PADRÕES GRÁFICOS NAS PINTURAS RUPESTRES: REPRESENTAÇÕES ANTROPOMÓRFICAS

72

O registro rupestre é aqui entendido como manifestação de um modo de comunicação (PESSIS, 1989; HARTLEY e VAWSER, 1998; RIBEIRO, 1986; CHIPPINDALE e NASH, 2004; CISNEIROS, 2008), que expressa, entre outras informações, as relações dos grupos realizadores com seu meio natural e, especificamente, suas demandas simbólicas e sociais. Ou seja, são "sistemas de comunicação visual de grupos humanos, estruturados como linguagens gráficas desses grupos" (VALLE, 2012, p. 132). Abarcam os dois tipos de significado inerentes à cultura material como um todo: o sistema estruturado de inter-relações funcionais e o conteúdo estrutural das ideias e dos símbolos (HODDER, 1991).

O estudo do registro rupestre, por um longo período, esteve dissociado das abordagens arqueológicas. Fato esse explicado pela sua natureza peculiar, a qual é tratado, por alguns arqueólogos, como voltada especificamente para o universo simbólico de seus

produtores. Isso possibilitou que, tradicionalmente, fosse abordado como uma seção isolada da área arqueológica (AZEVEDO NETTO, 1994). Esse isolamento permitiu o desenvolvimento de metodologias próprias, as quais não encontram inserção nos métodos clássicos da Arqueologia.

Partindo das colocações de Taçon e Chippindale (1998) de que esses vestígios são expressões materiais diretas de conceitos e pensamentos humanos, deve-se partir de metodologias de análises inerentes ao campo arqueológico. Ou seja, da base comum de todos os trabalhos arqueológicos — classificar e formar categorias (CISNEIROS, 2008). Para isso, invariavelmente, devemos entender essa parcela da cultura material como artefato, o qual é tido como qualquer objeto feito ou modificado por uma série de atributos impostos pelo homem. *Atributo* caracteriza-se como o produto mais tangível do comportamento humano, se apresentando como a matéria-prima de todos os estudos pré-históricos (CLARKE, 1984).

73

O conceito de perfil gráfico tem oferecido os aportes para os processos de classificação desses artefatos, na medida em que permite a decomposição do produto gráfico final (artefato gráfico) em produtos gráficos parciais (atributos gráficos), através de parâmetros pré-definidos (PESSIS, 1992). Os parâmetros utilizados nessa decomposição são os temáticos, cenográficos e técnicos. Encontram-se constituídos por um número considerável de atributos mensuráveis e identificáveis que constituem o sistema desses artefatos, (CLARK, 1984):

- 1 - O parâmetro temático encontra-se relativo aos elementos cognitivos essenciais para o reconhecimento dos grafismos (CISNEIROS, 2008). Ou seja, os atributos que nos permitem a identificação/caracterização da forma representada;
- 2 – O parâmetro cenográfico refere-se ao agenciamento dos grafismos no suporte, à configuração de movimento e às suas preferências de representação;
- 3 – O parâmetro técnico refere-se à caracterização dos procedimentos tecnológicos empregados no processo de confecção dos grafismos, às matérias-primas utilizadas e às técnicas empregadas.

Para o trabalho com as representações antropomórficas, levaram-se em conta, na dimensão temática, os elementos estruturais que permitiram o reconhecimento da configuração humana: cabeça, tronco e membros. Nesse processo, o todo se configura como essencial, pois a aparência de qualquer parte depende da sua estrutura.

74

(...) na percepção e pensamento humano, a semelhança baseia-se não numa identidade meticulosa, mas na correspondência das características estruturais essenciais; segundo, que uma mente pura entende espontaneamente qualquer objeto dado conforme a lei de seu contexto (ARNHEIM, 2005, p. 131).

O todo encontra-se representado pelo esqueleto estrutural, o qual se apresenta como a confluência dos elementos estruturais essenciais da forma representada, se mantendo como primordial para o seu reconhecimento. Dentro dessa permanência, o que pode mudar é a configuração da estrutura, condicionada pelo contexto cultural e épocas nas quais foram realizadas. Esse todo deve obedecer, ainda, a algumas condições essenciais

para o reconhecimento da imagem: orientação espacial, constância e projeção (ARNHEIM, 2005). A primeira diz respeito ao posicionamento do esqueleto estrutural, ou seja, o posicionamento adequado que expresse de forma objetiva os elementos estruturantes. Esses devem obedecer a uma constância de forma — simetria entre as estruturas básicas de representação. Por fim, a projeção deve revelar o todo da estrutura.

No parâmetro cenográfico, foram levados em conta os atributos que permitiram contextualizar como estão representadas as figuras antropomórficas no suporte: se isoladas, em grupo, representando alguma cena, as gestualidades, a disposição no suporte, o detalhamento anatômico (presença de mãos e pés), a presença de órgão sexual, o porte de artefatos, a presença de cavidade na representação da cabeça, a apresentação dos membros, o preenchimento, o tamanho, o movimento e a cor da tinta.

75

Por fim, na dimensão técnica, têm-se os atributos tecnológicos, ou seja, os procedimentos empregados no processo de confecção das figuras antropomórficas: as matérias-primas utilizadas e as técnicas empregadas. Nessa categoria, foram considerados o tratamento do suporte e a espessura dos traços, que indica as características do tipo de ferramenta utilizada para a aplicação da tinta no suporte.

Com base nesses atributos, tiveram-se os dados básicos para a caracterização dos padrões gráficos (padrões de apresentação gráfica) das representações antropomórficas. Padrões gráficos são entendidos como padrões de representação que correspondem a certas características culturais (PESSIS, 1992), representados por diferentes atributos que podem ser trabalhados em termos de semelhanças e diferenças. Esses atributos são segregados com base nos três parâmetros do perfil gráfico, segundo contextualizado

acima, o que permite observar padronizações nas representações gráficas, a exemplo das dimensões dos elementos estruturais, das formas de representação das figuras no suporte e nos aspectos técnicos.

Em termo de hierarquia de classificação, os padrões gráficos encontram-se ligados a unidades classificatórias maiores, na seguinte ordem: Estilo – Subtradição – Tradição. A Tradição rupestre é caracterizada como uma classe taxonômica maior na classificação dos registros rupestres, na qual se define identidades culturais de caráter geral (PESSIS, 1992). Ou, segundo Martin e Asón (2000), é a unidade maior de análise entre as diversas estabelecidas para esses artefatos. Caracteriza classes diferenciáveis do registro rupestre, através da segregação de indicadores de ordem morfológica, temática, de apresentação gráfica, cenográfica, técnica e cronológica, evidenciadas em acervos gráficos de determinadas regiões (VALLE, 2012). Essa classe geral encontra-se subdividida em classes taxonômicas específicas, a exemplo das Subtradições e dos Estilos.

76

As Subtradições podem ser entendidas como variedades existentes dentro de uma mesma Tradição, as quais podem estar estabelecidas em outras áreas geográficas com condições ecológicas diferentes. Isso implica na presença de elementos gráficos novos dentro da classe geral (MARTIN, 2003; CISNEIROS, 2008). O Estilo se configura como uma classe mais particular decorrente da evolução de uma Subtradição, segundo variações das técnicas e dos padrões de apresentação gráfica. Apresenta as características gerais da Tradição, juntamente com a presença de atributos específicos que marcam a sua diversidade (MARTIN, 2008; PESSIS *et al.*, 2013). Para Pessis (2003), o Estilo representa os padrões específicos de comunicação social de cada grupo,

os quais são representados pelas cenas plasmadas no suporte, temas privilegiados, modos de representar o movimento e tratamento do espaço e da representação do tempo. Cada padrão gráfico identificado apresenta certas regularidades entre atributos das três categorias, a exemplo do padrão característico do Estilo Serra da Capivara, dos relativos à Subtradição Seridó (Tradição Nordeste) e do relativo à Tradição Agreste. Em termos temáticos, as representações do primeiro apresentam apenas os traços essenciais de reconhecimento da forma humana — os elementos estruturais — esses geralmente em tamanhos regulares e simétricos. Já para a cenografia, as representações estão geralmente isoladas; em alguns casos, têm-se a presença de alguns atributos (cocares, máscaras, etc.), formação de cenas, a exemplo das cenas de caça, movimento em diferentes planos e tamanho médio das figuras de 30 cm. Em termos técnicos, as figuras são retratadas como de um ponto de observação acima delas, onde o tratamento do espaço se efetiva mediante a utilização de planos verticais, horizontais e oblíquos (PESSIS, 2003).

77

Para a Subtradição Seridó, Leite (2003) divide as representações em três classes: as de perfil, com cavidade bucal (“cabeça de caju”), que segundo Martin (2003) é característico do Estilo Carnaúba; às de face, que apresenta cabeça arredondada; e as representadas com cabeça não identificada ou ausente. De um modo geral, em termos temáticos, se observa equilíbrio e harmonia entre os traços essenciais de identificação. Para a cenografia, há a presença de cavidade, a existência de um grande número de cenas que remetem a sexualidade, cotidiano, agressão e cerimônias, além da presença de artefatos (ornamentos de cabeça, adornos, vestimentas, armas).

O padrão evidenciado dentro da Tradição Agreste apresenta, em termos temáticos, os elementos essenciais de reconhecimento da forma humana (cabeça, tronco e membros), esses caracterizados pela assimetria. Em termos cenográficos, apresentam um detalhamento anatômico dos membros (mãos e pés, majoritariamente, em formas tridáctilas), representação frontal, tamanho, geralmente, acima de 70 cm e estáticos. Em termos técnicos, se observa a predominância de linhas de contorno irregulares, bem como de traços grossos, com espessura acima de 0,61mm (AMARAL, 2014).

Através da caracterização das regularidades dos parâmetros temáticos, técnicos e cenográficos, torna-se possível analisar dispersões dos padrões gráficos em áreas geográficas distintas, devido a que os mesmos encontram-se atrelados a configurações ambientais específicas, geralmente mais propícias à ocupação humana.

78

METODOLOGIA

Mediante a segregação dos atributos característicos, com base nos três parâmetros definidores do perfil gráfico, foi efetivado um processo inicial de classificação tipológica das 48 representações antropomórficas selecionadas para análise. Partiu-se da perspectiva colocada por Pessis (2003) a respeito da caracterização e identificação isolada de cada figura, e, posteriormente, da segregação de conjuntos gráficos. Ou seja, a caracterização da variabilidade formal das mesmas. Esse processo se apresentou como essencial para a área de pesquisa, tendo em vista que não havia uma organização sistemática para os registros rupestres ali evidenciados, especificamente para as representações antropomórficas.

As figuras foram classificadas em grupos, esses definidos como padrões gráficos, que corresponde à forma de apresentação gráfica específica das representações

antropomórficas, caracterizado por aspectos temáticos, cenográficos e técnicos. A construção desses grupos foi subsidiada mediante a aplicação de testes estatísticos, a partir de uma base de dados criada no *software* SPSS, se utilizando de 13 variáveis, sendo duas numéricas e 11 categóricas (presença/ausência). Dentre os testes estatísticos efetivados, tivemos a análise de agrupamento (*Cluster Analysis*). As variáveis quantitativas foram: tamanho da figura e espessura do traço. As variáveis qualitativas, com valores binários de presença e ausência, foram: detalhamento anatômico das mãos (tridáctilo, didáctilo, sem detalhamento) detalhamento anatômico dos pés (tridáctilo, simples, sem detalhamento), representação de sexo, cavidade bucal, artefato cultural, formação de cena e movimento.

A análise de agrupamento pode ser definida como um procedimento estatístico que parte de um conjunto de dados contendo informações sobre uma amostra de entidades e o reorganiza, por meio de semelhanças/diferença, em grupos relativamente homogêneos, os quais são denominados *clusters*. É amplamente utilizado em diferentes áreas de pesquisa, a fim de reconhecer uma estrutura padrão de variabilidade entre os indivíduos ou objetos estudados (VIDIGAL, 2013).

Existem diferentes métodos e métricas que podem ser utilizados em uma análise de agrupamento. Utilizou-se o método de Ward³ combinado com a Distância Euclidiana⁴ ao quadrado, por apresentar resultados satisfatórios nas análises combinando variáveis numéricas e categóricas, segundo observado em Vidigal (2013). Essa combinação

³O método de Ward, ou de variância mínima, consiste em formar grupos a partir de pares que proporcionem a menor soma dos quadrados.

⁴Medida de dissimilaridade mais usual.

encontra-se evidenciada em diferentes trabalhos no campo arqueológico, especificamente na análise de material cerâmico, a exemplo de Latini *et al.*, (2001); Nunes *et al.*, (2008); Amaro(2011), entre outros.

O levantamento fotográfico se apresentou como essencial, ao permitir a obtenção de uma documentação visual, a qual se apresenta como fundamental no trabalho com esses vestígios. O registro fotográfico foi feito obedecendo a três níveis de aproximação. No primeiro nível, foi privilegiado o contexto ambiental onde o sítio encontra-se inserido e a configuração morfológica do mesmo. No segundo, foi dada atenção à(s) mancha(s) gráfica(s) identificada(s) no sítio e, em um terceiro nível, à localização e evidenciação de cada unidade gráfica presente na(s) mancha(s), no caso os antropomorfos. O conceito de mancha gráfica é aqui entendido como uma área delimitada pelas disposições espaciais das unidades gráficas no suporte rochoso (VALLE, 2003). Além do caráter documental, as fotografias se apresentaram como um fator de auxílio no processo de caracterização dos grupos, ao permitir a observação intrínseca de atributos imperceptíveis em campo, tendo em vista que a maior parte do *corpus* gráfico analisado encontra-se em um estado avançado de degradação. Isso foi possível mediante a utilização de dois *softwares* para o tratamento das imagens: Adobe Photoshop e o MATLAB (*MATrix LABoratory*) (MATOS *et al.*, 2014).

80

Para a análise relacional entre os padrões gráficos rupestres definidos e o contexto ambiental local, foi criado um Sistema de Informações Geográficas (SIG). A base para a sua construção seguiu os preceitos das análises de distribuição espacial para o campo arqueológico, segundo especificadas em Hodder e Orton (1990) e Conolly e Lake (2009). De um modo geral, essa ferramenta possibilita a compreensão do espaço e

inclusão das relações espaço-temporais entre os fenômenos naturais e os antrópicos. Ou seja, possibilita tratar as informações geoespaciais — informações relativas aos fenômenos naturais e antropogênicos e suas relações mútuas (CONOLLY e LAKE, 2009).

PADRÕES GRÁFICOS DAS REPRESENTAÇÕES ANTROPOMÓRFICAS DO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO

Mediante a análise de agrupamento, foi possível a identificação de seis grupos para os sítios analisados (Gráfico 1). Destes, cinco correspondem a padrões gráficos bem definidos e um se apresenta como vestigial (Grupo 0) ao apresentar distorções morfológicas e cenográficas entre seus componentes e os dos outros grupos.

81

Como observado no dendograma, existem algumas inconsistências na proximidade entre indivíduos dos Grupos 2 e 4. A figura 12 se enquadra morfológicamente e cenograficamente no Grupo 2, pois apresenta características qualitativas, como mãos e pés tridáctilos, presença de cavidade bucal e movimento, específicos do mesmo (Tabela 2). O que destoam são as variáveis quantitativas, mas ainda dentro da margem desse grupo (Gráfico 2). Isso levou a classificação dessa figura como pertencente ao Grupo 2, mesmo que pelo dendograma ela se aproxime mais do Grupo 4.

No dendograma, os constituintes do Grupo 4 encontram-se relacionados a alguns indivíduos do grupo vestigial. Isso pode ser explicado devido a maior proximidade entre as variáveis quantitativas dessas figuras (Gráfico 2), pois, em termos morfológicos e cenográficos, os indivíduos do Grupo 0 destoam consideravelmente, tanto entre eles como entre os de outros grupos.

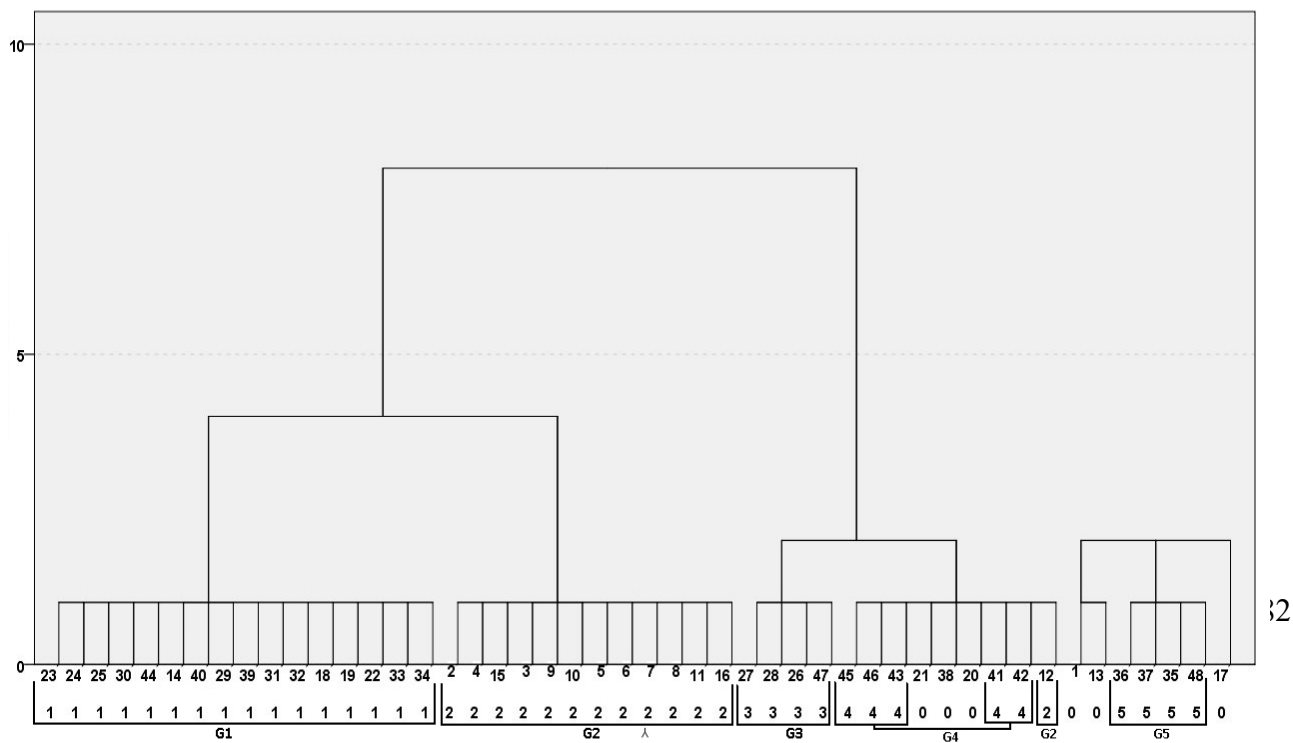
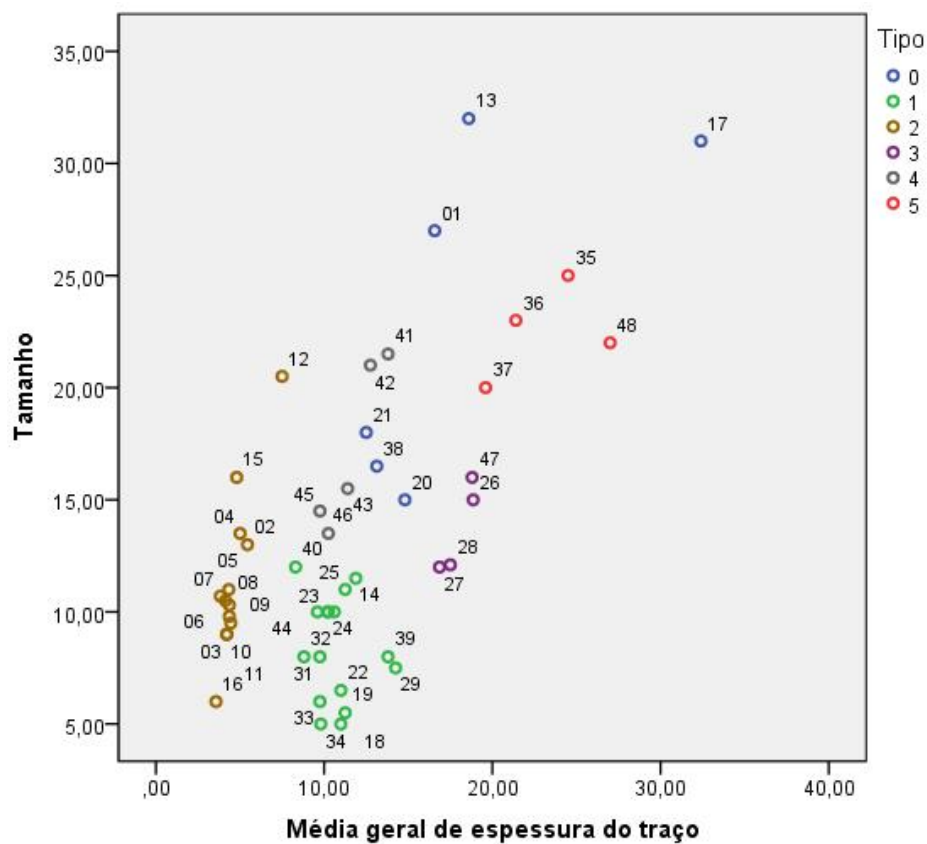


Gráfico 1: Dendrograma – Formação dos grupos.



Padrão Gráfico	Nº de figuras	Sítio	Dimensão Cenográfica							Dimensão técnica
			Detalhamento Anatômico (mãos e pés)	Representação de sexo	Cavidade bucal	Artefatos culturais	Cena	Movimento	Tamanho médio (cm)	Média geral de espessura do traço (mm)
1	16	Roça Nova/ Cacimba das Bestas IV	0%	0%	6%	44%	25%	38%	8,38	11,14
2	13	Roça Nova	100%	15%	92%	0%	77%	85%	11,45	4,63
3	4	Cacimba das Bestas IV/ Pedra da Pintada I	50%	0%	0%	75%	75%	0%	13,78	18,01
4	5	Cacimba das Bestas IV/ Pedra da Pintada II	0%	0%	0%	100%	60%	80%	17,2	11,59
5	4	Cacimba das Bestas IV	0%	0%	0%	0%	100%	0%	22,5	22,62

Tabela 2: Padrões gráficos identificados.

Padrão Gráfico 1

Formado por 16 unidades gráficas, caracteriza-se por figuras com tamanho entre 5 e 12 cm, geralmente representadas sem movimento, com cabeça arredondada, representada frontalmente, troncos arredondados a ovais e com os membros coordenados (Imagem 4). Não apresentam nenhum detalhamento anatômico e encontram-se geralmente, em termos de distribuição no suporte, próximas entre si. Apenas uma está relacionada a

representações zoomórficas e algumas portam artefatos. Encontra-se localizado nos sítios Cacimba das Bestas IV (15 figuras) e Roça Nova (1 figura).

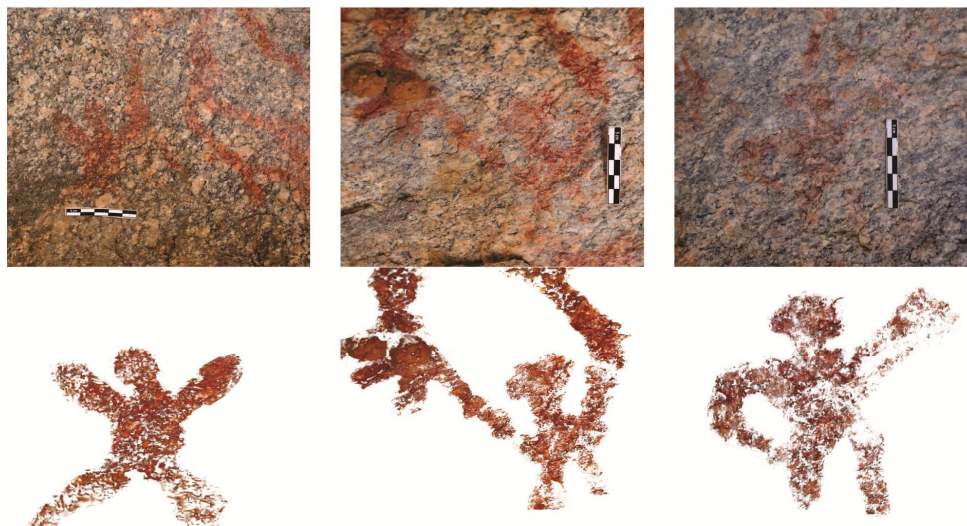


Imagem 4: Representantes do padrão gráfico 1 – Sítio Cacimba das Bestas IV.

Padrão Gráfico 2

Encontra-se constituído por 13 figuras com tamanho de 6 a 20,5 cm. O conjunto é caracterizado pela expressão de movimento por parte de todas as unidades componentes, estas, em sua maioria (10), encontram-se agrupadas formando uma cena. A presença da cavidade bucal e o detalhamento anatômico das mãos e dos pés é uma característica marcante desse padrão gráfico (Imagem 5). É o padrão que apresenta maior controle técnico, bem como a menor espessura média do traço (Tabela 2), o que implica na utilização de um fino instrumento de execução da pintura. As figuras desse padrão gráfico encontram-se apenas no sítio Roça Nova.

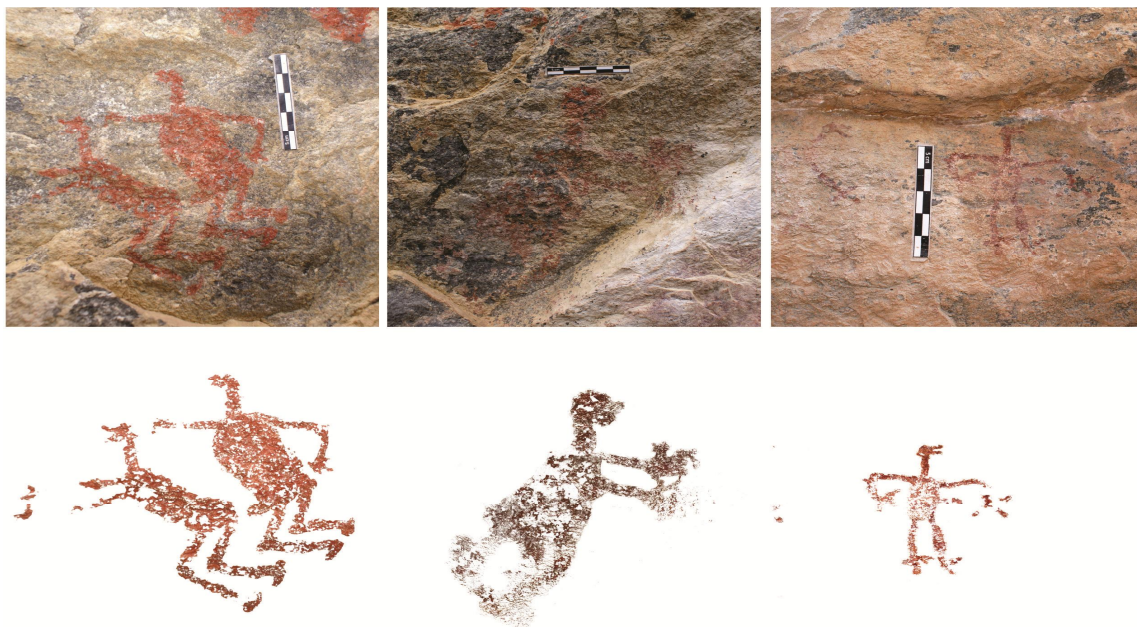


Imagem 5: Representantes do padrão gráfico 2.

Padrão gráfico 3

Representado por quatro figuras com dimensões de 12 a 16 cm. Tem como particularidade principal a estaticidade das figuras. Outra característica é o porte de artefatos, identificados, em um primeiro momento, como armas. Algumas figuras são representadas com o detalhamento do pé (tridáctilo). O tratamento técnico se apresenta menos apurado do que os anteriores. Encontra-se distribuído em dois sítios, o Cacimba das Bestas IV (3 figuras) e o Pedra da Pintada I (1 figura) (Imagem 6).



Imagem 6: Representantes do padrão gráfico 3 – Sítio Cacimba das Bestas IV.

Padrão gráfico 4

Com cinco figuras de tamanho entre 13,5 e 21,5 cm, caracteriza-se, especificamente, pela configuração do tronco, o qual se apresenta alongado se comparado com os membros. A morfologia da cabeça é arredondada e as figuras são representadas frontalmente. Todas estão portando artefatos (entre armas, utensílios e adorno de cabeça). A representação de movimento é constante, exibida, principalmente, pelo movimento do tronco e dos membros superiores. As figuras encontram-se relacionadas umas com outras no suporte, com três formando uma cena. O Padrão Gráfico encontra-se representado em dois sítios, o Cacimba das Bestas IV (3 figuras) e o Pedra da Pintada II (2 figuras) (Imagem 7).



Imagem 7: Representantes do padrão gráfico 4 – Sítio Cacimba das Bestas IV.

Padrão gráfico 5

Constituído por quatro figuras de tamanho entre 20 e 25 cm. Apresentam os componentes essenciais de reconhecimento com ausência de movimento e quaisquer detalhes anatômicos. Encontram-se agrupados, constituindo uma cena (Imagem 8). Localiza-se em um único sítio, o Cacimba das Bestas IV.

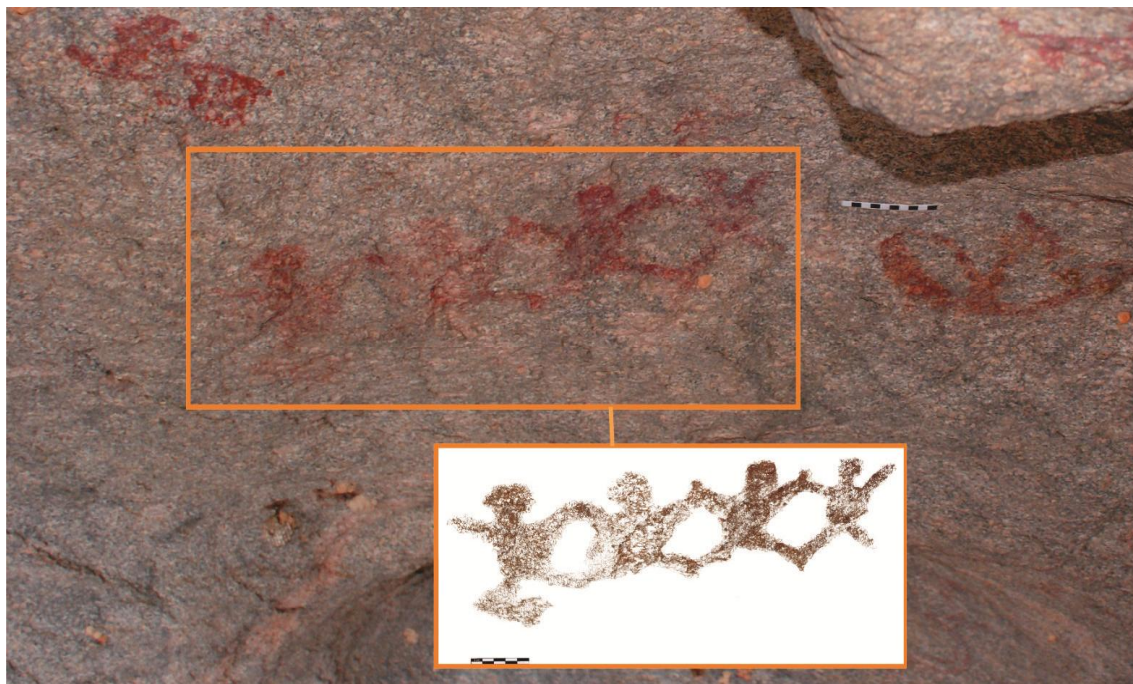


Imagem 8: Representantes do padrão gráfico 5.

Os cinco padrões gráficos apresentados encontram-se localizados em quatro sítios (Cacimba das Bestas IV, Roça Nova, Pedra da Pintada I e Pedra da Pintada II) (Imagem 9). O Padrão Gráfico 1, distribuído em dois sítios (Roça Nova e Cacimba das Bestas IV), está inserido em altitudes entre 517 e 591m. Tem-se uma maior concentração de figuras na cota maior. Estão inseridas em uma área próxima à rede de drenagem, em formação de vale, constituída pela dissecação dos contrafortes da Borborema.

O Padrão Gráfico 2 encontra-se localizado em um único sítio (Roça Nova) em uma altitude de 517 m, inserido em uma área que se apresenta próxima à mesma rede de drenagem. No entanto, encontra-se mais próxima à confluência com o Rio Paraíba.

O Padrão Gráfico 3 localiza-se em dois sítios (Cacimba das Bestas IV e Pedra da Pintada I) e abarca altitudes entre 591-595m. O Padrão Gráfico 4 localiza-se em dois sítios: Cacimba das Bestas IV (3 figuras) e Pedra da Pintada II (2 figuras). Abarca altitudes entre 591 e 601m. Por fim, o Padrão 5 localiza-se apenas no Sítio Cacimba das Bestas IV.

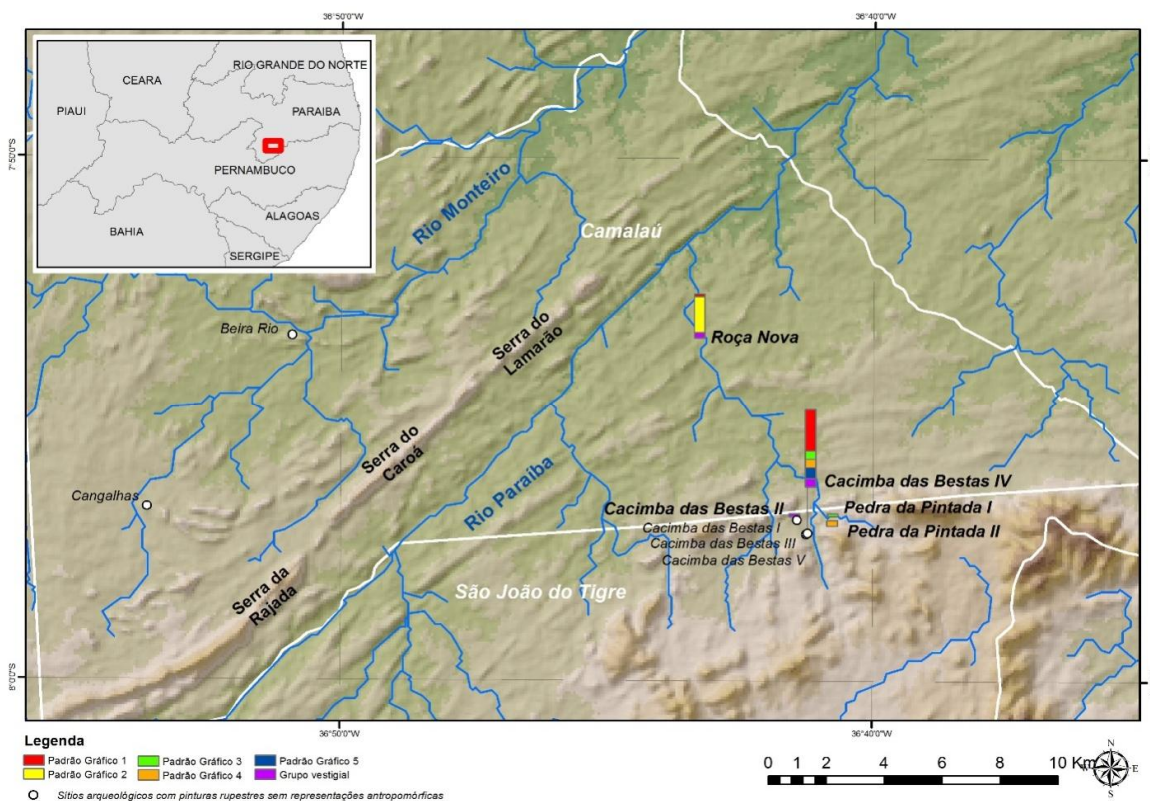


Imagem 9: Distribuição dos padrões gráficos nos sítios.

Torna-se complicado realizar uma análise espacial mais profunda da distribuição dos padrões gráficos na paisagem devido ao pouco número de unidades estudadas. No entanto, é evidente que, mesmo que já tenham sido cadastrados dez sítios com pinturas

rupestres na área pesquisada, a presença de representações antropomorfas ocorre em cinco desses sítios, havendo ainda uma ampla concentração em apenas dois deles. Os padrões gráficos evidenciados nesses dois sítios (Cacimba das Bestas IV e Roça Nova) são bastante distintos. Enquanto que no sítio Roça Nova, existe uma concentração do Padrão Gráfico 2, representado exclusivamente nesse sítio, o Cacimba das Bestas IV apresenta todos os outros padrões gráficos.

Os outros sítios com representações antropomórficas estão todos concentrados próximos às cabeceiras de drenagem, no mesmo contexto que o Cacimba das Bestas IV. No entanto, esse sítio, especificamente, se apresenta destacado na área pela sua morfologia, tamanho e por apresentar uma alta visibilidade do entorno. Partindo desses pontos, pode-se considerá-lo como um monumento natural, conforme o conceito de Berrocal (2004, p. 242): *“aquellos elementos destacados del paisaje sobre los que a menudo recae la atención del observador por su singularidade”*.

91

PROXIMIDADES ENTRE OS PADRÕES GRÁFICOS JÁ DEFINIDOS PARA A REGIÃO NORDESTE

Dentre os padrões de apresentação gráfica identificados, alguns apresentam proximidades com os já definidos para a região Nordeste e outros encontram-se restritos à área de pesquisa. A observação das proximidades foi efetivada com base em uma análise macro. Não foi possível eleger variáveis para os processos de comparação regional por meio de testes estatísticos, tendo em vista que a metodologia empregada nesta pesquisa ainda não foi aplicada a outras áreas do Nordeste do Brasil. Nesse sentido, a análise comparativa foi baseada em algumas características gerais: morfologia, cavidade bucal, movimento e tamanho. Para esse processo, foram utilizados

como referência os trabalhos de Pessis (1992, 2003), Leite (2004), Martin (2003), Barbosa (2007, 2013) e Amaral (2014) realizados em regiões fronteiriças (Seridó/RN e Vale do Moxóto/PE) e na Serra da Capivara/PI.

Os padrões gráficos 2 e 4 apresentam características próximas aos da Subtradição Seridó. O primeiro pode ser associado ao Estilo Carnaúba definido por Martin (2003), o qual é caracterizado pela representação da cavidade bucal. Para além desse caracterizador, temos a presença da cena de sexo, que, devido às suas particularidades, se apresenta como característica da Tradição Nordeste. O padrão 4, caracterizado pela representação do tronco de forma alongada e porte de artefatos, pode ser associado a outro grupo de representações dessa Subtradição, segundo observado em Leite (2004). Esses também se apresentam no Vale do Moxotó/PE, conforme observado em Barbosa (2013).

92

Os padrões gráficos 3 e 5 apresentam características observáveis nas representações humanas da Tradição Agreste, segundo discutido por Martin (2003, 2008) e Amaral (2014). Representação de forma estática e confecção com baixo apuro técnico.

O padrão 1 apresenta características próximas às observadas na Subtradição Várzea Grande, Estilo Serra da Capivara II, caracterizados por Martin (2003) para a área do Seridó. As figuras apresentam, de forma geral, os componentes essenciais que remetem à forma humana; quando representadas próximas a zoomorfos, se apresentam menores, bem como foi evidenciado o porte de artefatos.

Diante do observado, percebem-se, parcialmente, fortes relações entre os padrões gráficos da área pesquisada e os da Tradição Nordeste na região do Seridó, em maior quantidade, e do Vale do Moxotó, em menor quantidade. Ainda existem proximidades com o padrão gráfico relacionado à Tradição Agreste, dispersa por diferentes áreas do semiárido nordestino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acervo gráfico trabalhado apresenta variações dentro do seu contexto de inserção, de cunho formal e espacial. A primeira variação, expressa pelos padrões gráficos identificados, e a segunda, pelas proximidades com padrões já definidos para representações antropomórficas em pinturas rupestres no Nordeste do Brasil. Com isso, observaram-se similaridades relativas a dois grupos de padrões característicos da Tradição Nordeste, Subtradições Várzea Grande e Seridó (padrões gráficos 1, 2 e 4) e dois relativos à Tradição Agreste (padrões gráficos 3 e 5).

93

Alguns dos padrões gráficos evidenciados encontram-se restritos a configurações ambientais específicas e outros abordando diferentes particularidades. Um caso peculiar encontra-se representado pelo Padrão Gráfico 2. Suas representações localizam-se em uma área que apresenta configurações ambientais análogas à ocorrência do Estilo Carnaúba na região do Seridó, segundo Martin (2003, 2008).

Em termos gerais, se observa a preferência de inserção para as representações em áreas próximas a fontes hídricas, em sítios com visibilidade alta do seu entorno e com grandes dimensões. Isso é perceptível ao analisar as inserções dos sítios Cacimba das Bestas IV e Roça Nova. Em termos formais e levando em conta as proximidades observadas entre

os padrões gráficos já definidos, percebe-se que os mesmos obedecem a estruturas gerais de representação, como dimensões, códigos de apresentação, temas representados, distribuição no suporte, segundo evidenciados em Pessis (2003). Porém, apresentam particularidades nos seus modos de fazer e de inserção no ambiente.

As observações especificadas só foram possíveis mediante a abordagem do registro rupestre (representações antropomórficas) com base na análise de sua variabilidade na área de pesquisa, segundo duas dimensões: a formal e a espacial. Através da caracterização da variabilidade formal do *corpus* gráfico trabalhado, foi possível a sua ordenação dentro de conjuntos relativamente homogêneos, possibilitando a caracterização dos padrões gráficos para a área de pesquisa e, conseqüentemente, a observação de proximidades com padrões já definidos. Mediante a análise da variabilidade espacial, foi possível observar as distribuições espaciais dos padrões gráficos e suas relações com as particularidades ambientais da área. Isso serviu de subsídio para a observação de proximidades entre as formas de apresentação gráficas já definidas, tendo em vista que diferentes formas de apresentação gráficas encontram-se atreladas a particularidades ambientais características.

Partindo dos dois grupos de significados expressos no registro rupestre (informações referentes às demandas simbólicas e sociais dos grupos realizadores e suas relações com o meio natural), a variação nos seus padrões gráficos e de distribuição espacial remete diretamente a esses significados. Os diferentes padrões podem estar atrelados às relações simbólicas inerentes aos grupos realizadores, bem como as suas configurações sociais, seja em termo de hierarquia, divisão dentro do(s) grupo(s), relações intersociais,

etc.⁵. No entanto, a falta de uma cronologia, mesmo relativa, desses grafismos afeta diretamente as conclusões que podem ser tomadas.

Já a variação na distribuição espacial dos padrões remete às relações do(s) grupo(s) com o seu meio ambiente, em termos de demarcação de fontes de recursos, demarcações territoriais, apropriação cultural da paisagem, ao passo que consideramos os sítios como um sistema de partes articuladas por uma percepção e ação culturalmente determinada. Diante da observação das proximidades entre as formas de apresentação gráfica para a região do Seridó-RN/PB e do Vale do Moxotó/PE, bem como ao Estilo Serra da Capivara 2 (Subtradição Várzea Grande), podemos levantar a hipótese de que a região do Cariri paraibano poderia ter se apresentado como ponto de passagem dos grupos da Tradição Nordeste entre as regiões do Seridó/RN e Vale do Moxotó/PE na Pré-História. Isso apoiado nas discussões traçadas por Barbosa (2013), o qual coloca que o Vale do Moxotó/PE pode ser inserido como rota migratória dos grupos da Tradição Nordeste para a região do Seridó, em seus processos de dispersão, originários na Serra da Capivara, embasado em hipóteses lançadas por Guidon e Martin (2010).

95

⁵ Essas informações se apresentam de difícil apreensão, tendo em vista que, especificamente para a área de pesquisa e para a região do semiárido nordestino como o todo, não temos informações etnográficas sobre os grupos indígenas que realizarão esses registros. Por outro lado, associações com outras categorias de vestígios que poderiam fornecer essas informações, de forma parcial, se apresentam ínfimas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. T. 1979. A arte rupestre nos Cariris Velhos. Editora Universitária/UFPB, João Pessoa.

AMARAL, M. P. V. 2014. As pinturas rupestres da Tradição Agreste em Pernambuco e na Paraíba-Brasil. Tese de Doutorado, Departamento de Arqueologia, UFPE, Recife.

AMARO, G. C. 2011. Continuidade e evolução nas cerâmicas calcolíticas da estremadura: um estudo arqueométrico das cerâmicas do Zambujal. Revista Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras/Portugal.

ARNHEIM, R. 2005. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo. Pioneira.

AZEVEDO NETTO, C. X. 1994. As gravações rupestres do cerrado: o enfoque de seus signos. Dissertação de Mestrado, UFRJ.

AZEVEDO NETTO, C. X.; ROSA, C. R.; MIRANDA, P. G. 2011. Semiótica dos sítios cerâmicos da região do Cariri Ocidental, PB. Clio. Série Arqueológica, v. 26, Recife.

AZEVEDO NETTO, C. X; KRAISCH. A. M. P. DE O.; ROSA, C. R. 2007. Territorialidade e arte rupestre — inferências iniciais acerca da distribuição espacial dos sítios de arte rupestre na região do Cariri paraibano. Revista de Arqueologia, v. 20.

BARBOSA, R. J. N. 2007. As pinturas rupestres da área arqueológica do Vale do Catimbau – Buíque, Pernambuco: estudo das fronteiras gráficas de passagem. Dissertação de mestrado. Departamento de Arqueologia, UFPE, Recife.

BARBOSA, R. J. N. 2013. Perfil gráfico das pinturas rupestres pré-históricas do Vale do Moxotó e quadrante nordeste da bacia hidrográfica do Pajeú – Pernambuco. Tese de Doutorado, Departamento de Arqueologia, UFPE, Recife.

BERROCAL, M. C. 2004. Paisaje y arte rupestre: ensayo de contextualización arqueológica y geográfica de la pintura levantina. Tese de Doutorado. Departamento de Prehistoria, Instituto de Historia, CSIC, Madrid.

97

CHIPPINDALE, C., NASH, G. 2004. Pictures in place: approaches to the figured landscapes of rock-art. In: CHIPPINDALE, C. & NASH, G. (orgs.) The figured landscapes of rock-art: looking at pictures in place. Cambridge: Cambridge University Press.

CISNEIROS, D. C., 2008. Similaridades e diferenças nas pinturas rupestres pré-históricas de contorno aberto no Parque Nacional Serra da Capivara - PI. Brasil. Tese de Doutorado, Departamento de Arqueologia, UFPE, Recife.

CLARKE, D. L. 1984. Arqueología Analítica. Ediciones Bellaterra S. A.

CONOLLY, J. & LAKE, M. 2009. Sistemas de información geográfica aplicados a la arqueología. Barcelona: Ediciones Bellaterra.

GUIDON, N.; MARTIN, G. 2010. Difusão e diáspora na arte rupestre do Nordeste do Brasil: a tradição Nordeste. *Global Rock Art – Anais do Congresso de Arte Rupestre IFRAO 2009. Fundamentos IX*, 2: 17-18. São Raimundo Nonato, Fundação Museu do Homem Americano.

HATLEY, R.; VAWSER, A.M.W. 1998. Spatial behaviour and learning in the prehistoric environment of the Colorado River drainage (south-eastern Utah), western North America Anne Vasser. In: CHIPPINDALE, C., TAÇON, P.S.C. (eds.). *The Archaeology of Rock-Art*. Cambridge: Cambridge University Press.

HODDER, I. 1991. Interpretación en Arqueología: corrientes actuales. Crítica, Barcelona.

98

HODER, I.; ORTON, C. 1990. Análisis Espacial en Arqueología. Crítica, Barcelona.

LATINE, R. M.; BELLIDO, A. V. 2001. Classificação de cerâmicas arqueológicas da Bacia Amazônica. *Revista Química Nova*, V. 24, N. 6. São Paulo.

LEITE, M. N. 2004. A Subtradição Seridó de pintura rupestre – RN: um estudo da identidade humana. Dissertação de mestrado. Departamento de Arqueologia, UFPE, Recife.

MARTIN, G. 2003. Fronteiras estilísticas e culturais na arte rupestre da área arqueológica do Seridó (RN, PB). *CLIO – Série Arqueológica*, nº 16, Recife.

MARTIN, G. 2008. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 5 ed. Recife, Ed. Universitária.

MARTIN, G.; ASON, I. 2000. A Tradição Nordeste na arte rupestre do Brasil. *Clio Série arqueológica* n. 14, Recife.

MATOS, F. A. S.; MUTZENBERG, D.; MARTIN, W. S. 2014. Novas técnicas para o processamento digital do registro rupestre através da utilização do software MATLAB. Apresentação de Trabalho/Comunicação. III Congresso da SAB Nordeste.

NUNES, K. P.; TOYOTA, R. G.; OLIVEIRA, P. M. S., NEVES, E.G.; MUNITA, C. S. 2008. Estudo dos elementos traço nas cerâmicas do sítio arqueológica Hatahara. *Anais do XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba*. São Paulo.

99

PESSIS, A. M. 1989. Apresentação gráfica e apresentação social na Tradição Nordeste de pintura rupestre do Brasil. *CLIO – Série Arqueológica*. Recife, nº 5.

PESSIS, A. M. 1992. Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do Nordeste do Brasil. *CLIO – Série Arqueológica*, nº 8. Recife.

PESSIS, A. M. 2003. *Imagens da Pré-História*. Parque Nacional Serra da Capivara. Fumdam - Petrobrás, São Paulo.

PESSIS, A. M.; CISNEIROS, D.; MUTZENBERG, D. 2013. Identidades gráficas na arte rupestre: Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil. In BORGES, S. E. N.;

ALBUQUERQUE, M. L. (org.). Identidades e Diversidade Cultural: patrimônio arqueológico e antropológico do Piauí – Brasil e do Alto Ribatejo – Portugal. Teresina.

RIBEIRO, B. G. A. 1986. Linguagem simbólica da cultura material. In: RIBEIRO, D. Suma Etnológica Brasileira. Arte Índia, n. 3. Rio de Janeiro: FINEP/Vozes.

SCHIFFER, M. B; SKIBO, J. 1997. The Explanation of Artifact Variability. American Antiquity, v. 62, n. 1.

TAÇON, P. S. C., CHIPPINDALE, C. 1998. The archaeology of rock-art through informed methods and formal methods. In: CHIPPINDALE, C., TAÇON, P. S. C. (eds.). The Archaeology of Rock-Art. Cambridge: Cambridge University Press.

100

VALLE, R. B. M. 2003. Gravuras pré-históricas da área arqueológica do Seridó potiguar/paraibano: um estudo técnico e cenográfico. Dissertação de mestrado. Departamento de Arqueologia, UFPE, Recife.

VALLE, R. B. M. 2012. Mentres graníticas e mentes areníticas: fronteiras geocognitivas nas gravuras rupestres do Baixo Rio Negro, Amazônia Setentrional. Tese de Doutorado, Departamento de Arqueologia, MAE, USP, São Paulo.

VIDIGAL, B. C. 2013. Avaliação de agrupamentos em misturas de variáveis. Dissertação de mestrado. Departamento de Estatística, UFV, Viçosa-MG.